

FOME

Carta ao Betinho Souza e ao presidente Lula

APOLO HERINGER LISBOA

Artigo escrito em setembro de 1993, no início da Campanha Contra a Fome, liderada pelo Betinho, e que, em 2003, com o Programa Fome Zero, do governo Lula, consideramos oportuno revisar e republicar.

Não é fácil falar da fome alheia; ainda mais difícil é não perder a cabeça com a própria fome. Sobretudo se quem passa fome hoje já comeu um dia. Pois aqueles que nasceram e sempre viveram com fome, tendem a não reagir; adaptam-se à pobreza total, inclusive com direito a religião apropriada, que valoriza o jejum e os faquires. Mas, se não é o caso de perder a cabeça com a própria fome, muito menos se justifica perdê-la com a fome alheia, menos dolorosa. A atual campanha contra a fome não é comandada pelos que têm fome; mas pelos que estão de barriga cheia, e se comoveram com a fome alheia. Não tratamos aqui dos que visam apenas marketing, derramando lágrimas de crocodilo, de olho nos dividendos eleitorais da "indústria da fome". Desses trastes não trataremos aqui agora. É mais proveitoso falar da reserva ética representada por milhões de pessoas de boa-vontade, como os liderados pelo exemplo do Betinho, Lula e de todos nós, que se indignam e tentam matar a fome alheia enquanto reformas estruturais necessárias não chegam ou vão chegando a passo de tartaruga.

Na verdade, a campanha não é propriamente contra a fome, mas contra a falta de alimentos e outras necessidades do povo. Ter fome, geralmente, é sinal de saúde e argumento para alta hospitalar. E fome não se reduz a comida.

Façamos um retrospecto histórico, pois outros já se preocuparam com a fome alheia. A Sociedade São Vicente de Paula se constituiu fazendo campanhas para mitigar a fome do próximo. Foi fundada em Paris a 23 de abril de 1833, por Antônio Frederico Ozanam, estudante na Sorbonne, reagindo a críticas de estudantes não-católicos que os criticavam por não fazerem caridade.

Em 1 de janeiro de 1950, no Rio de Janeiro, foi fundada a Legião da Boa Vontade por Alziro Zarur. A LBV vem distribuindo sopa aos pobres desde setembro de 1962. Está vinculada a práticas suspeitas ou de comprovada falta de ética, tendo perdido completamente a credibilidade.

Já o Exército da Salvação tem por lema Sopa, Sabão e Salvação. Foi fundado por dissidentes anglicanos, liderados por William Booth, voltados para os doentes pobres, famílias de mineiros, prostitutas, menores abandonados da Inglaterra, atuando desde o século passado.

Não só eles, mas inúmeras ordens religiosas, como as Irmãs de

Foucauld, os Ignorantinhos de São João de Deus, a Congregação de Madre Tereza de Calcutá, Obras da Irmã Dulce no Hospital Santo Antônio de Salvador, e outras centenas de grupos estão, há dezenas de anos por este Brasil e mundo, tentando praticar os Atos de Misericórdia pregados em Mateus 25:35,36.

Betinho, que esteve exilado, devia criticar esta linha, chamada de assistencialista. Naquela conjuntura sopões, natais dos pobres, e outras práticas diretas de socorro, eram ridicularizadas pela esquerda revolucionária. A melhor proposta concretizada nesta época foi a dos "restaurantes populares", ou "bandejões", subvencionados pelo poder público para fornecer alimentação balanceada a baixo custo. Sucesso absoluto, proposta notável. A pessoa paga pouco, mas paga. Isto é importante. Talvez seja o principal caminho para resolver o problema da fome urbana. Estes restaurantes tornaram-se centro de aglutinação política das massas urbanas. Foram demolidos pelos militares pela ameaça que significariam à segurança nacional. Agora estes restaurantes populares começam a ressurgir, e nem todos precisam ser governamentais. Podem se espalhar com várias modalidades de participação privada, governo e sociedade civil organizada. É o melhor caminho nas áreas urbanas.

A tradição socialista propõe transformar as estruturas, resolvendo o problema da fome com terra, trabalho e melhor distribuição da renda. Acalentando estes sonhos, lutou-se, quixotesca, contra a ditadura militar com todas as armas e das formas possíveis. Teve tortura, prisão, exílio. Tudo isto para, agora, trazer de volta o sopão do Zarur, as cestas básicas do Betinho e do PT, as esmolas da Sociedade São Vicente de Paulo?! Não teria sido melhor ter aproveitado melhor o tempo e a vida, evitando tantos esfolamentos, coices, cotoveladas, tiros, prisões, exílios, bofetadas e seguidos sonhos virando pesadelos?

O colapso do regime comunista, porém, levou muita gente a buscar novos rumos. São as perdas e ganhos da crise. Nada a estranhar. Não há novidade absoluta, nada de tão diferente entre o Sol e a Terra. Tucídides já relatava reforma agrária radical há mais de 400 anos a.C.; descreve exílios e massacres; democracia direta nas praças de Atenas nesta mesma época; olimpíadas com atletas artisticamente nus, ótimo teatro e excelentes aulas de filosofia. O pensamento humano se constrói contraditoriamente, no tempo e espaço, avança e recua, até com paradoxos. E os conceitos mais profundos nascem de um esforço intelectual em amarrar coerentemente estes aparentes disparates. A atual campanha proposta pelo presidente Lula tem incorporado compromissos éticos e políticos maiores, buscando superar toda forma de sofrimentos a que estão submetidos os seres humanos. Busca-se força e formas para erradicá-los, dentro de uma perspectiva democrática, racional e solidária, mas não messiânica ou demagógica.

Ouçamos o que dizem outros que já viveram conjunturas análogas. Os chineses aconselham que é melhor dar o anzol e ensinar a pescar que dar o peixe. Não se negam a ajudar, mas vinculam a ajuda a uma pedagogia: a do

trabalho, que organiza a vida da pessoa. Isto é sabedoria. Afastam-se de qualquer subordinação ao pieguismo e ao discurso vazio. Já nosso compositor sertanejo e sanfoneiro Luiz Gonzaga, calejado na "indústria da seca", cantava: "dar esmola a um homem que é são, ou lhe mata de vergonha ou vicia o cidadão".

O vínculo com o trabalho é fundamental para organizar a sociedade e resolver seus problemas. Devemos, enquanto solução de emergência, fortalecer o sistema dos restaurantes populares, nos aglomerados urbanos que têm grande parte da população do país; podemos saciar a fome das crianças, priorizando a distribuição nas creches e escolas, por sua organização e referenciamento à educação e envolvimento das mães; bem como os velhos e dos doentes que necessitam buscar nos abrigos, lares, postos médicos, um apoio. Nestes casos parece que o afeto é a questão maior.

Seria preferível que os cidadãos sadios recebessem ajuda em troca da prestação de algum trabalho voltado às necessidades públicas. Sem este vínculo e sem esta organização da ajuda, há o risco de uma trapalhada. Não contribui para começar a resolver os problemas. No Nordeste, nas épocas mais terríveis da seca, funcionam as "frentes de trabalho", como respostas emergenciais. Tem alguns aspectos interessantes. Os inscritos recebem meio salário mínimo, prestando algum tipo de serviço que deveria ser do interesse público. Estas atividades não geram vínculos trabalhistas, por serem declaradas de emergência pelo poder público. Cessa aí o exemplo das "frentes" nordestinas, componente da "indústria da seca", muitas vezes a serviço de interesses privados.

Vincular ganho com trabalho, com busca, existe desde o mito do Jardim do Éden, com o veredicto "ganharás o pão com o suor do teu rosto. A maioria ganha o pão com o suor do rosto, e acha isto o paraíso, pois pior é o desemprego. A terra está cercada com arame e não entra tecnologia para o pobre, nem educação formal. Não há política agrícola que segure as pessoas no campo, e elas abandonam a terra. Sem política agrícola para o país até a reforma agrária fracassa. Os alimentos sumiram da roça, com as estradas, e encareceram na zona rural, que passa mais fome que nas regiões urbanas.

Hoje, não se pode desconhecer que o trabalho e o esforço têm sido realizados em vão por milhões de trabalhadores. Uns, são forçados a trabalhar até a exaustão física, sem remuneração, ou roubados na contabilidade do armazém e da farmácia. Aí falham os poderes do Estado e sua fiscalização trabalhista, falham os sindicatos e a mobilização da sociedade. Outros, já desvinculados da terra, recebem salário corroído pelo desemprego e inflação, ou jazem sem emprego, numa crise cujas raízes não se encontram apenas no Brasil, mas na ordem econômica mundial

A fome precisa ser enfrentada em diversos campos. É uma manifestação engendrada por muitas causas. Não se pode deixar de avaliar, por exemplo, do ponto de vista sociológico, antropológico e psicológico, as seqüelas deixadas em nossa organização social pela violência colonial e prática do trabalho escravo.

Aliás, a maior causa da fome no Brasil, provavelmente está associada à maneira como se deu a assinatura da Lei Áurea: os escravos, mãos abanando, foram lançados nas estradas. A República foi proclamada com respaldo dos escravocratas ressentidos com Dom Pedro II. Esta adesão garantiu caráter conservador à República. Nem, ao menos, garantiram escolas para a nova geração de negros. O resultado está em nosso **apartheid** social. A violência atual tem a ver com esta e outras histórias.

Há gente que lança toda a responsabilidade pela pobreza sobre a insensibilidade dos empresários urbanos e rurais. Sem eles seria muito pior. Eles podem gerar emprego. A estatização do leste europeu provou ser pior para a liberdade dos povos que milhões de empresários divididos, embora ambos possam conduzir às guerras, à miséria, à corrupção e à ditadura.

Muito da situação de penúria que há, se deve atribuir à falência do sistema educacional (escolar, familiar, político, à televisão), que conduz à falta do cultivo do aprendizado técnico, do trabalho enquanto ação libertadora e diligente, na construção individual e coletiva da vida. Quem, mesmo rico, mas sobretudo, se for pobre, não trabalha com diligência, por opção ou falta de preparo, não importa aqui, chegando o inverno da vida não terá "mantimento", só lhe restando "dançar". Está na Fábula da Cigarra e da Formiguinha.

Uma proposta mais bem estruturada para remediar a questão social dos marginalizados é o Programa de Garantia de Renda Mínima do senador Eduardo Suplicy - ou Imposto de Renda Negativo (quem está além paga; quem recebe). Oferece uma base racional de discussão, em termos de cidadania, democracia social e viabilidade econômica, embora contenha muitos pontos necessitando de reavaliação. Poderia ser fundido com outras propostas que existem.

Não se pode deixar de falar no desperdício imenso no campo, nas colheitas realizadas e deixadas de se realizar; há desperdício na comercialização privada e nos armazenamentos oficiais; na preparação da alimentação; no consumo. Nossa sociedade precisa enfrentá-lo racionalizando suas operações produtivas, distributivas e de consumo. E, sobretudo, investindo fundo em educação e pesquisa. Há muito desperdício associado à ignorância das pessoas e administradores. Na Antigüidade faziam analogia entre saciar a fome e saciar o espírito com conhecimentos (Deuteronômio 8:3; João 6:35).

A questão da fome complica-se porque ninguém quer abrir mão de seus próprios privilégios. Todos querem fazer as mudanças desde que venham no lombo dos outros. Veja-se, por exemplo, que membros do Parlamento, do Executivo, e do Judiciário, oficialmente apoiando a campanha contra a fome com declarações e esmolas, auferindo salários que vão de 50 a mais de 200 salários mínimos, auto-outorgados, no país da fome. Esta corrupção institucionalizada quebra, pela base, a relação de solidariedade e de confiança que deveria haver entre os cidadãos de uma nação republicana e democrática. Corrigindo o setor público, o setor privado pode ser enquadrado pela cobrança dos impostos e outras

leis.

As próprias centrais sindicais estão elitizadas e pouco fazendo pelos que ganham salário mínimo, que são os setores desorganizados. A opção do presidente Itamar pelo programa do "carro popular", em parceria com as montadoras, e não pelo da "casa popular", que alavancaria a construção civil, dando emprego e casa ao povo, tem muito a ver com os interesses corporativistas predominantes de centrais sindicais.

As injustiças acumuladas em todos os níveis foram produzindo relações tão deterioradas entre as pessoas, que a fome estava sendo aceita como normal, e a caridade uma oportunidade a mais de auferir dividendos. Tem muita gente e instituições vivendo estruturalmente da fome, da pobreza, dos menores, dos leprosos, etc. A emergência se tornou definitiva, virou uma máquina. Tem mais: nos planos psicológico e religioso, o caridoso é, muitas vezes, quem recebe a esmola, pois o pobre leva o rico ao Céu, aliviando-o, momentaneamente, de suas culpas reais ou imaginárias. A campanha do Betinho pretendeu acabar com esta anestesia, provocando o estranhamento e o repensar, e tem o crédito do apoio da nova esquerda brasileira, legitimando este pool de bancos, empresas e instituições privadas e públicas da mais variada e interessante natureza. Fica aqui uma interrogação: com esta unanimidade absoluta, por que não se vota e se realizam as reformas estruturais que o país necessita? A fome não pode esperar.

A Campanha contra a Fome e a Miséria está despertando o Brasil para a realidade de suas entranhas. Mas, miséria é diferente de pobreza. Pobreza é falta de recursos materiais. Miséria é também falta de ética na política e nas relações sociais. Hipocrisia também é "misera", me disse uma roçariana petista do Jequitinhonha, indignada com falsidades entre militantes que diziam lutar pelo socialismo, mas só no discurso, sem sentimento de afinidade profunda com o povo.

Ninguém deveria ficar indiferente à fome e à pobreza no Brasil. Como admitir comer sabendo haver tantas pessoas com fome? Imagine se fosse seu filho, ou sua mãe, que estivessem passando fome? Esta fome poderia esperar cinco anos, mesmo um dia?

Sabemos que o Brasil já produz mais do que suficiente para dar comida a todos brasileiros e ainda poderia exportar para alimentar o mundo. Assistimos, com frequência, os armazéns do governo jogarem fora milhões de toneladas de grãos. A fome não está só: aí estão a falta de assistência médica, de casas, de escolas, e a violência, subprodutos do tipo de sociedade que edificamos. É um imbróglio só.

Na Antigüidade, e até o início deste século, a falta de condições para saciar a fome do povo até podia ser compreendida. Malthus, no século passado, chegou a fazer teoria de grande impacto: a produção de alimentos cresce em progressão aritmética, enquanto o crescimento da população em progressão geométrica.

Hoje, todavia, as conquistas científicas e tecnológicas já possibilitam a produção de alimentos em progressão geométrica, enquanto o progresso social fez baixar o crescimento populacional a índices aritméticos. Isto abalou definitivamente a teoria malthusiana. Manter ou acabar com a fome, a pobreza e seus subprodutos, tornou-se questão de opção política e sabedoria. A ciência e a tecnologia, frutos da pesquisa, permitem fazer esta afirmação.

Apolo Heringer Lisboa, médico, professor na UFMG na disciplina Saúde Coletiva, militante político, escritor. Coordenador do Projeto Manuelzão. www.manuelzao.ufmg.br E.mail apololisboa@gmail.com